

**RASTROS DA HISTÓRIA CULTURAL E DAS SENSIBILIDADES: O ACERVO
SANDRA JATAHY PESAVENTO E SUA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA**

Nádia Maria Weber Santos¹
Maximiano Martins de Meireles²

RESUMO: O artigo almeja apresentar reflexões contemporâneas sobre o campo da História Cultural, seus temas e fontes preferenciais, passando por suas questões teóricas e metodológicas de base. Neste caminho, aprofunda-se na História das Sensibilidades e exemplifica-se com materiais do acervo da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, que está sob custódia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A historiadora, produtora deste acervo (arquivo pessoal intelectual), produziu em 40 anos de trabalho uma obra vasta e importante para nossa historiografia (Porto Alegre, Rio Grande do Sul e Brasil), rumando da História Econômica de viés marxista para a História Cultural, cujos eixos/campos temáticos, nesta última, abordam, principalmente, questões sobre o urbano, sobre imagens, a relação História e Literatura, e o campo das Sensibilidades. No artigo, intenta-se discutir os contornos e a relevância que a História Cultural assume em sua obra, além de enfatizar o papel da referida historiadora para a difusão e consolidação da História Cultural no Brasil, criando um campo fecundo de estudos e de pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural, Teoria e Metodologia, Sensibilidades, Arquivo Pessoal Intelectual, Sandra Jatahy Pesavento.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa (PESAVENTO, 2003, p. 15).

INTRODUÇÃO

Em um primeiro texto em homenagem à professora Sandra Pesavento, ainda sob o impacto de seu desaparecimento prematuro em 2009, a presente autora (SANTOS, 2009, p. 21) escrevia “Por isso posso dizer sem sombra de dúvidas que nossa saudosa professora, amiga e fundadora do GT Nacional de História Cultural, Sandra Pesavento, que formou tantas gerações de historiadores, adequou sua visão de mundo à sua *práxis* historiográfica e com isto criou uma vida e uma obra coerentes”. Referia-se, neste momento, não somente ao brilhantismo da historiadora, mas, principalmente, à forma como ela conduziu sua obra intelectual, adequando suas pesquisas ao de mais inovador que havia nos campos historiográficos do final do século XX, que eram os preceitos e métodos da História Cultural. Dizia também, essa autora, que a “eterna” e arquetípica busca do sentido da História e de seus

¹ Dra. em História pela UFRGS, Membro pesquisadora do IHGRGS e curadora do Acervo Sandra Jatahy Pesavento nesta instituição, Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: nmmws@gmail.com

² Doutorando em Educação/UNEB, Estágio Sanduíche no IHGRGS, Acervo SJP, Bolsista FAPESB. E-mail: maxymuus@hotmail.com

fatos, a partir de fragmentos ("cacos") do passado, legitima a diversificação de fontes e métodos do historiador contemporâneo. Certamente esta possibilidade está calcada numa *Weltanschauung* que, perceptivelmente, se instala em nosso mundo. Após tanto tempo lutando e enfrentando regimes autoritários, talvez o ser humano esteja abrindo seus olhos para captar outras visões sobre ele mesmo e outras formas de se relacionar com o mundo que o abriga.

A vida de Pesavento, sua coragem de mudar e de perceber o vasto mundo de possibilidades à sua volta emparelhou-se à sua vida profissional – por exemplo, de um viés marxista onde fez teses de mestrado e de doutorado em História econômica, a partir dos anos 1990 ela direcionou seus estudos e pesquisas para o campo da História Cultural –, formando pesquisadores e criando extensas redes de alunos e colegas interessados nestas mudanças epistemológicas que estavam se aproximando mais e mais da nossa historiografia.

Isto é mais visível ainda no momento em que organizamos seu acervo pessoal (Acervo Sandra Jatahy Pesavento – Acervo SJP), depositado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), onde temos a possibilidade de visualizar como seu pensamento foi construído, por onde passou, quais fontes utilizou, em quais autores se fundamentou, quem foram seus interlocutores e parceiros de projetos e, não menos importante, como e com quem partilhou seus conhecimentos históricos e de pesquisa. Sabemos que Pesavento formou várias gerações de historiadores, mas foram os anos a partir da década de 1990 que frutificaram seus escritos, as orientações de alunos, as parcerias internacionais: foi no campo da História Cultural que as sementes brotaram mais fortes e os frutos se fizeram mais numerosos e suculentos...

Ela mesma revela, em uma entrevista realizada no programa “Roda de Entrevistas” da TV Cultura de Goiás, em novembro de 2007, que a História Cultural se constituiu como campo no Brasil, a partir de meados da década de 1990, sendo produzida, em 2006 (Dados da CAPES) em 87% dos trabalhos científicos da área da História, o que ela deve à crise dos paradigmas, à derrocada dos modelos macro explicativos da realidade, que apresentavam modelos rígidos de explicação do mundo – e que no Brasil eram representados pelo Materialismo Histórico. A própria Sandra Pesavento iniciou sua carreira acadêmica sob a influência do marxismo, em seus textos sobre História Econômica do Rio Grande do Sul. A História mudou, dizia ela na entrevista, tinha acabado a “aventura do conhecimento”, e toda uma geração de historiadores se viu impelida a buscar novos olhares sobre a realidade, novas formas e conceitos para pensar e amparar a realidade histórica. E eis, então, que surgem os novos modelos, novos conceitos, novas temáticas e fontes na renovação das ciências humanas

e, conseqüentemente, da História. Por exemplo, vem à tona o conceito de representação, que foi fundamental na sedimentação deste campo da História Cultural. Com ele, compreendemos que os homens, ao longo do tempo, construíam diferentes representações sobre o mundo, conferiam sentidos à suas ações e práticas sociais de forma diferenciadas, bem como na construção de seus discursos, ritos e imagens sobre a realidade. A partir das representações, afirma a professora nesta entrevista, os homens interpretavam e recriavam o mundo em cada época.³

Em uma outra entrevista, um pouco anterior, desta vez em Porto Alegre, para o programa Comportamento, da TVCOM, de 25 de maio de 2007, a pesquisadora entrega suas grandes paixões atuais na pesquisa histórica e traça os principais eixos temáticos de sua obra: a relação entre história e literatura, história e imagem, história e cidade e história e sensibilidades.⁴ Isto demonstra o quanto ela tinha consciência de sua trajetória e de seus interesses, o que também se torna explícito em seu acervo. Arriscamos dizer que sua última obra escrita, *Os Sete Pecados da capital* (PESAVENTO, 2008), atesta a maturidade da pesquisadora, onde ela supera sua capacidade de gerar versões verossímeis do fato acontecido, o que é a marca de seu trabalho na História Cultural. A ficção, esta, sempre controlada pelas fontes, como ela dizia (PESAVENTO, 2003).

A primeira autora deste artigo, curadora do Acervo Sandra Jatahy Pesavento e que já escreveu alguns textos sobre a vida e a obra da intelectual Pesavento (SANTOS, 2009; SANTOS 2015; SANTOS, 2017), desde seu mestrado em História na UFRGS (1998-2000) – tendo sido orientanda da professora Pesavento no mestrado e doutorado (2001-2005, PPGH, UFRGS) – trilha o caminho da História Cultural, aos moldes do que aprendeu com ela, trabalhando de forma profícua com fontes, teorias e metodologias, principalmente no recente campo da História das Sensibilidades. Mesmo assim, surpreendeu-se com a riqueza dos materiais de arquivo e, principalmente, ao dar-se conta de como este campo historiográfico tomou o pensamento e ocupou as reflexões da historiadora gaúcha nos últimos 20 anos de sua vida. Seus estudos sobre o urbano, sobre a relação História e Literatura, sobre imagens e, mais

³ Entrevista de Sandra Jatahy Pesavento ao programa Roda de Entrevistas da TV Cultura de Goiás, em novembro de 2007. Goiânia. DVD: 57 minutos, TV Cultura Goiânia. DVD gentilmente cedido pela colega Heloísa Capel, da Universidade Federal de Goiás, após o falecimento da professora Pesavento. A entrevista versa sobre História Cultural a partir do minuto 38 e este tema dura em torno de 15 minutos, tempo em que ela explica – a partir da pergunta da entrevistadora – porque este campo historiográfico está em alta, quais suas metodologias e quais suas relações com a ficção e a literatura.

⁴ Material gentilmente cedido pela TVCOM de Porto Alegre, a quem agradecemos no nome de Alice Urbim, para a confecção do documentário de arquivo intitulado “Percurso Historiográficos: Sandra Jatahy Pesavento”, de autoria de Miriam Rossini e Nádia Maria Weber Santos. 21 minutos. Zeppelin filmes, 2010.

no fim, sobre sensibilidades, estão todos demonstrados nos inúmeros documentos que compõem seu acervo e que intentamos divulgar e propor como fontes para pesquisadores.

Já o segundo autor deste artigo prepara uma tese de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEduc/UNEB, cujo objetivo é investigar nuances de sensibilidades na recepção compartilhada de textos literários, com um grupo de leitores-professores do sertão da Bahia. Ele veio ao acervo de Sandra Pesavento, abrigado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, para fazer um estágio doutoral, exatamente em busca do mote das sensibilidades que sabia ele existir em muitos dos trabalhos mais recentes de Pesavento. Tem se dedicado a pesquisar documentos que compõem o acervo e produções de Pesavento referentes à esta temática, na possibilidade de alimentar seu pensamento e trabalhar as sensibilidades em dois horizontes: como conceito e também como método de análise de seu corpus de investigação.

Amparados nestas motivações, por estas andanças e observações acuradas em relação à obra de Sandra Pesavento e seu riquíssimo acervo, propomos este texto e oferecemos ao leitor um pouco do que nos é permitido pensar e escrever diante do campo, obra e autora tão ímpar em nosso meio intelectual e acadêmico.

A HISTÓRIA CULTURAL EM PERSPECTIVA NA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

Seguindo a obra de Pesavento intitulada *História & História Cultural*, cuja primeira edição foi em 2003, e os seminários de Teoria e Metodologia do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, onde ela sistematizou o pensamento e os estudos sobre este campo, apontaremos alguns parâmetros teóricos e metodológicos que o balizam e o avalizam como campo historiográfico contemporâneo de profícuas produções e interlocuções com outras áreas do saber.

Muito recentemente, escutou-se em um Simpósio Nacional de História Cultural (VIII SNHC em Araguaína, 2016), que esta última é praticada de diferentes formas pelos diferentes historiadores brasileiros. Em que pese uma certa coerência nesta afirmação, uma vez que as diversas regiões brasileiras são prenes de culturas diferentes e profundas em suas geografias distintas, há um rol de postulados do qual é difícil escapar. Pois fazer História Cultural não é [apenas] debruçar-se sobre objetos culturais. É, antes, estar de mãos dadas com conceitos que fundam o campo e estar apoiados em métodos que, se não inovadores, respaldam as pesquisas e seus achados.

As preocupações de Pesavento não iam no sentido de delimitar um campo para que este fosse estritamente fechado e rígido em seus preceitos, mas sim o delimitar para poder

manter a ciência histórica dentro de mudanças epistemológicas e metodológicas que se impunham a partir de novos olhares e formas de pensar o mundo e os homens.

Pesavento, na introdução da obra coletiva que comemorou os dez anos do GT de História Cultural da ANPUH do Rio Grande do Sul, intitulada *Narrativas, imagens e práticas sociais* (PESAVENTO, SANTOS, ROSSINI, 2008) escreve na introdução (História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo) sobre estes conceitos-guia:

Cultura, representação, imaginário, sensibilidades, memória e subjetividade, em associação com uma atitude hermeneuta, são assim, pois, conceitos reapropriados pelos investigadores do passado no terreno da cultura, que nesses vinte últimos anos construíram uma corrente historiográfica consolidada. Esses conceitos formam como que um marco e um guia para a percepção do historiador, a iluminar seu olhar sobre o acontecido e a possibilitar que ele construa seu tema enquanto objeto, ou seja, que o problematize, lançando perguntas e questões ao passado, empenhando-se em encontrar possíveis respostas (PESAVENTO, SANTOS, ROSSINI, 2008, p. 16).

A História Cultural, desde as décadas finais de século XX (década de 1980 mais especificamente), ampliou sobremaneira a forma pela qual é escrita e pensada a História, em suas mais variadas vertentes. Pensa-se a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo homem, que tenta, com isto, explicar e dar sentido ao mundo em que habita (SANTOS, 2005/2013). Pesavento, na obra de 2003 (2003, p. 39), já postulava, sob o advento da História Cultural (HC), “mudanças epistemológicas e a entrada em cena de um novo olhar”, dentro de um quadro teórico equacionado por historiadores da História Cultural (nacionais, franceses, italianos e americanos, principalmente), destacando alguns conceitos e pressupostos que validam o campo.

O primeiro deles é a rediscussão do conceito de representação, que se tornou central e reorientou a postura epistemológica do historiador. Reapresentar alguma coisa, que se coloca no lugar do referente, introduz, assim, a noção de ‘simbólico’ e do sentido, dentro da História. Conforme Chartier (2002), as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos através dos quais um grupo impõe a sua própria concepção do mundo social, seus valores, seu domínio e até sua identidade. O diálogo da HC com outras áreas do conhecimento, e, neste enfoque, com a História das Representações, ou mais especificamente, com a História do Simbólico (em suas diferentes perspectivas histórica, antropológica, psicológica, etc.) abre um campo imenso e frutífero de investigações, as quais, num processo nitidamente dialético, trarão novas possibilidades ao historiador da cultura e aos pesquisadores das outras áreas.

A noção de representação está ligada à noção de que algo pode ser rerepresentado, re-simbolizado no real (e sobre o real). Em outras palavras, imagens e discursos representam o mundo, representam o real através de seu aspecto simbólico.

A potencialidade de criação do efeito de real (Chartier, Ginzburg, Bourdieu falam sobre isto em diferentes perspectivas) através do símbolo contido na representação (reapresentação deste real) é um elemento constitutivo que está na base do imaginário coletivo, de certa sociedade, num determinado período histórico. O que equivale dizer que toda e qualquer sociedade, ou ‘fatia’ desta (classes, pequenos grupos, associações) e em diferentes momentos do tempo histórico, ‘cria’ seu imaginário, possui suas representações simbólicas. As representações simbólicas mudam as situações objetivas, e vice-versa. A cultura trabalha com as mudanças sociais e a HC, por sua vez, investiga como as transformações culturais acontecem, a partir destas representações simbólicas.

Um segundo conceito entra, assim, em campo: o de imaginário, que nada mais é do que um conjunto ou “um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2003, p. 43). Segundo a pensadora, o imaginário é composto por um duplo aspecto: uma espécie de ‘fio terra’ que remete às coisas reais e físicas e a dimensão do sonho, que composta as utopias, o fantasiar, a elaboração mental (PESAVENTO, 2003).

Uma terceira concepção é a da narrativa histórica, narrativa do historiador, que monta sua história baseado na investigação, no método, nas fontes. O historiador da HC sabe que ele, ao escrever, gera versões, verossímeis, estabelecendo regimes de verdade e nunca dizendo o que realmente aconteceu em determinada época. Suas versões trazem à tona um quarto elemento conceitual, que é o de ficção, que, se por um lado, reaproxima a História da Literatura, por outro as afasta, porque é uma ficção controlada, diz Pesavento (2003, p. 62): “pelos indícios recolhidos, pela testagem a que submete estes indícios, pela recorrência ao extratexto”, ou seja, é uma ficção controlada pelas fontes e pelos métodos, pois é ciência.

Uma outra noção associada aos novos pressupostos epistemológicos da HC é o de sensibilidade, implicando na percepção e tradução sensível da experiência humana no mundo, através de práticas sociais, discursos, imagens e materialidades, tais como espaços e objetos construídos. Essa perspectiva traz à tona, segundo a historiadora, a questão do indivíduo, das subjetividades e das histórias de vida (PESAVENTO, 2003, p. 56), que se tornam importantes nas narrativas históricas que reconfiguram temporalidades.

Em relação à metodologia da HC, a pesquisadora explicita que as estratégias de abordagem das fontes inauguram métodos trazidos à baila por Carlo Ginzburg e Walter

Benjamin: o ‘método indiciário’, de Ginzburg e o ‘método da montagem’ benjaminiano. O primeiro, equipara o historiador a um detetive que, indo em busca de pistas e vestígios, resgata traços do passado, que “emitem sinais e dão a ver sentidos” (PESAVENTO, 2003, p. 64). Ao recolher tais indícios do passado, o historiador da cultura deve, então, continuar sua senda e fazer a montagem dos achados, articulando-os entre si, em composição ou justaposição, “cruzando-os em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significado”, ou mesmo revelando discrepâncias e oposições (PESAVENTO, 2003, p. 64). Com isto, algo será revelado, conexões serão estabelecidas, explicações se oferecerão para leitura. “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de outros tempos” (PESAVENTO, 2003, p. 65).

Com sua necessária erudição, o historiador vai às fontes com seus métodos e, na sua montagem de verossimilhança do passado, mergulha em referenciais de contingência que, articulando todos elementos, controlam a ficção de sua narrativa (PESAVENTO, 2003, p. 65). Historiador, detetive, pesquisador, montador de um filme, eis o historiador da cultura. “O método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo”, disse Pesavento, “assim como a estratégia que fez a fonte falar, produzindo sentidos e revelações, que ele transformou em texto” (PESAVENTO, 2003, p. 67).

Desta forma, abrem-se novas correntes ou tendências para os historiadores, bem como reaparece uma pluralidade de temas e campos a serem pesquisados e analisados sob uma outra ótica – muitas vezes estando inter-relacionados num mesmo texto histórico.

Estas reflexões, retiradas do livro em que Pesavento (2003), que constroem a sistematização histórica, teórica e metodológica deste campo historiográfico, estão amplamente documentadas no Acervo SJP, através de fichamentos de estudos de autores, obras e temas, bem como nos rascunhos de amplas reflexões que, posteriormente, se transformaram em seus textos e livros. Veremos alguns exemplos e excertos do Arquivo a seguir.

O ACERVO SANDRA JATAHY PESAVENTO COMO REFERÊNCIA PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA CULTURAL

O ato de escrever, por mais antigo que seja, sempre revela. Revela vontades, desejos, maneiras de ser e de se preocupar com o mundo. Revela ideias, reflexões – contemporâneas e,

muitas vezes, extemporâneas – que podem permear uma vida e uma obra. Não é diferente daquilo que identificamos no Acervo Sandra Jatahy Pesavento. Ou seja, a escrita da historiadora – muitas vezes literalmente manuscrita – revela e expõe muito de seu percurso como pesquisadora, intelectual e professora. Além disto, o material constituinte do acervo revela uma pessoa organizada e interessada em construir um pensamento – que se tornou original em nosso meio acadêmico.

Pesavento, ao arquivar sua vida intelectual – talvez mesmo sem a intenção consciente de o fazer, como saber? –, deixou para as gerações vindouras a possibilidade de construírem a história de seu pensamento, que foi publicizado por ela em seus livros e artigos.⁵

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1946-2009) foi professora titular do Departamento de História da UFRGS e professora dos Programas de Pós-Graduação de História e do PROPUR da mesma instituição. Fez doutorado em História Econômica na USP e possuía 4 pós-doutorados em Paris. Era pesquisadora 1 A do CNPq e tinha interlocução com autores e historiadores de vários países do mundo. Autora de uma vasta obra historiográfica, com 125 artigos publicados no Brasil e no exterior, 51 livros, entre individuais e coletivos e 85 capítulos de livros, é uma das mais importantes historiadoras do século XX, cuja obra versa sobre variadas vertentes da historiografia. Da História Econômica, com viés marxista, à História Cultural, sua riquíssima obra versa sobre as charqueadas gaúchas, sobre a Revolução Farroupilha, sobre a burguesia gaúcha, e, também, sobre as questões do urbano, das imagens, das sensibilidades e da relação História-Literatura, estas últimas já sob o enfoque da História Cultural.

A trajetória de Sandra Jatahy Pesavento se inscreve em diferentes movimentos e em distintos tempos, revelando as nuances de uma vida dedicada à História, à docência e à pesquisa. Em 1970, iniciou, ainda na condição de professora auxiliar, sua carreira docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, onde permaneceu até o fim de sua vida. Em 1977, prestando concurso público, efetivou-se na referida Universidade como servidora pública, passando pelos cargos de professora assistente, adjunto, até tornar-se, em 1991, professora titular no curso de História.

É importante dizer, também, que exerceu vários cargos e funções na e para além da Universidade, vinculando-se a diferentes instâncias de pesquisa, a saber: o Programa de Pós Graduação de História/UFRGS, tanto como docente quanto coordenadora; membro da equipe editorial de vários periódicos acadêmicos no Brasil e no exterior; membro de conselho

⁵ Para uma visão completa de sua produção, ver seu Lattes, na Plataforma do CNPQ, no endereço <http://lattes.cnpq.br/1760145213009265>.

consultivos; membro de associações de historiadores internacionais; membro de Centros de Pesquisas; membro criadora de Grupos de Trabalho (GT de História Cultural na ANPUHRS (1997) e na ANPUH Nacional (2001); coordenadora de Acordos CAPES/COFECUB (França/Brasil). Há que se enfatizar: “Pesavento descortinou um campo historiográfico absolutamente novo no Brasil e nele atuou como professora e pesquisadora, assim como a partir dele pensou e escreveu seus textos” (SANTOS, 2015, p. 272).

O arquivo pessoal [intelectual] de Sandra Jatahy Pesavento (Acervo SJP) está depositado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) desde final de 2014, por doação da família Pesavento (viúvo e filhos e seus cônjuges). A referida instituição de custódia se caracteriza como uma instituição privada sem fins lucrativos, fundada a 05 de agosto de 1920⁶, cuja finalidade é promover estudos e investigações sobre História, Geografia, Arqueologia, Filologia, Antropologia e campos correlatos do conhecimento, principalmente centrados no Rio Grande do Sul.⁷

Designa-se arquivo pessoal como as mais diversas formas de escritas de si e o conjunto dos documentos produzidos e/ou pertencentes a uma pessoa, ou seja, que resulta de uma trajetória profissional, intelectual, social e cultural específica. Considerado como *locus* de pesquisa, permite ao historiador e demais pesquisadores apreender aspectos micro e macro do social de um dado tempo, sensibilidades de uma pessoa e, por extensão, de um grupo (VIDAL, 2007), contribuindo para o entendimento mais sutil de fenômenos sociológicos e históricos, de ideários políticos, projetos pessoais e processos sociais neles investidos (HEYMANN, 2005).

Como todo acervo, este também tem a sua história,⁸ porém, nos interessa aqui, apresentar ao leitor os aspectos e conteúdo do acervo que dizem respeito ao campo da História Cultural e como este material se destaca no mesmo.

Todo o material bruto recolhido em sua residência abrangia a biblioteca da historiadora, com uma estimativa de quatro mil obras, e o material de pesquisa de quarenta anos, incluindo, entre outros, manuscritos de livros e artigos, transcrição de fontes primárias (processo crime, jornais, prontuários médicos), estudos de autores e temas (fichamentos manuscritos), planos de aulas de graduação e pós-graduação e cursos ministrados, projetos de

⁶ Fundadores: Octavio Augusto de Faria, capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa, tenente Emílio Fernandes de Souza Docca, Afonso Aurélio Porto e o Pe. João Batista Hafkemeyer, juntamente com o Desembargador Florêncio de Abreu e o apoio decisivo do Governador Borges de Medeiros.

⁷ Para mais informações consultar o site <http://www.ihgrgs.org.br>.

⁸ Remetemos os leitores ao texto *Constituição e organização do acervo Sandra Jatahy Pesavento no IHGRGS* (Santos, 2017), publicado nos Anais do III Seminário Internacional de História do Tempo Presente. Referência ao final.

pesquisa nos vários órgãos de fomento (Capes, CNPq e Fapergs), registros das idas a congressos internacionais, imagens de Porto Alegre coletadas para estudos, correspondências acadêmicas (e-mails impressos), fontes sobre a indústria gaúcha etc.

Assim, o material completo do Acervo Sandra Jatahy Pesavento, após sua organização preliminar no arquivo, inclui até o momento: **I – Coleção Bibliográfica:** a biblioteca da historiadora, em torno de 4 mil obras (este material não está organizado ou catalogado ainda), **II – Fundo Documental:** o material de estudo e de pesquisa dos 40 anos de trabalho da professora e pesquisadora, compreendendo: II/1 – Pastas suspensas (25), caixas (64) e gavetões (7) com material de estudo e pesquisa da professora e pesquisadora, de 40 anos; II/2 – Arquivo digital: obras completas digitalizadas e II/3 – Arquivo especial de fichas manuscritas: fichário completo, com móvel, pertencente à historiadora, incluindo fichamento de jornais do século XIX e início do século XX do Rio Grande do Sul.⁹ O total do acervo físico tem aproximadamente 114 metros lineares de documentação. Embora esteja já em uma primeira organização e apto para pesquisa, a indexação definitiva com as descrições de todos os itens ainda está longe de ter terminado.

Como referido acima, a pesquisadora era muito organizada, fazendo com que tenhamos no acervo fardos, pastas e plásticos organizados por ela de assuntos que perfazem toda sua trajetória acadêmica e profissional, como professora da UFRGS e pesquisadora do CNPq. Desde transcrição de fontes primárias (jornais do século XIX, processos crime, relatórios sobre a indústria gaúcha, movimentos de greves de operários, fotos dos sentenciados do álbum do Dr Sebastião Leão, imagens de Porto Alegre antiga, entre muitas outras), passando por planos de aulas e redações de projetos de pesquisa, anotações sobre arguições de bancas de mestrado e doutorado, correspondências eletrônicas trocadas com editores e colegas companheiros de publicações, manuscritos de palestras proferidas nacional e internacionalmente, o que já denota uma riqueza infindável deste acervo, constatamos que há fichamentos que ela realizava de autores e temas relativos aos seus estudos preliminares de História Cultural e o que seria, mais tarde, conteúdo dos textos de seus livros e artigos.

Temos como exemplificar esta última afirmação com as caixas de número 33 A e B, que denominamos “Estudos de SJP (Manuscritos) por temas e autores”, onde constam 30 envelopes e pastas de plástico, organizadas por ela, com fichamentos de temas e autores importantes para o campo. Elencamos, todos, a seguir.

⁹ O acervo está apresentado e descrito no site do IHGRGS <http://www.ihgrgs.org.br/>, no seguinte caminho, havendo *online* o inventário provisório das caixas, pastas suspensas e gavetas: <http://www.ihgrgs.org.br/> - IHG digital – Arquivo online – Acervo Sandra Jatahy Pesavento 2017. As obras digitalizadas da autora encontram-se no seguinte link <http://ihgrgs.org.br/#SandraPesavento>.

Na pasta 33 A temos os seguintes autores e temas: Nova História Cultural, Nova História Cultural (origens), Micro História, Imaginário, Representação, Narrativa, Sensibilidades, História e Literatura, Ítalo Calvino, Paul Ricoeur, Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Pierre Bourdieu, Antropologia, Grupo sensibilidades, Walter Benjamin, Michel Foucault, Mulheres, estudos de autores e obras. Na caixa 33 B temos: Estado da arte sobre História Cultural no Brasil, Cidade e Literatura, Memória, Identidade, Literatura e História, Edward Thompson, The Lady of Shalott, Eduardo Colombo, Pasta Fronteiras Culturais Cone Sul, Banca Tese Nádia, Materiais variados.

Embora a organização em envelopes plásticos por temas e assuntos tenham sido organizados pela produtora do arquivo, fomos nós, no acervo, que montamos estas caixas reunindo esse material – embora, neste caso, todos estes plásticos estavam guardados juntos, por ela, em um mesmo armário e empilhados.

Este material que compõe o acervo Sandra Jatahy Pesavento se configura em uma possibilidade de percorrer rastros da História Cultural, entendendo a formação deste campo do conhecimento - conceitos, pressupostos e métodos de análise - e como Sandra Pesavento os incorpora, cria e recria na sua produção historiográfica. É, portanto, um caminho profícuo para investigações e descobertas, um campo dinâmico... sempre aberto a novas reflexões e planos de leitura sobre a realidade, o pensar e fazer História.

O CAMPO DAS SENSIBILIDADES E SUAS RELAÇÕES COM O ACERVO SJP

O campo das Sensibilidades se configura em uma dobra da virada epistemológica que marca a trajetória de Sandra Pesavento ao apostar na História Cultural como uma perspectiva de deslocar seu pensamento historiográfico e se debruçar sobre outros objetos de estudo, temas e fontes. Nos rastros da vasta produção de Pesavento, vê-se uma pesquisadora com olhar aguçado e refinado para temáticas como cotidiano, imaginário, exclusão, subjetividades, histórias de vidas, entre outras. Entretanto, interessa-nos, mais especificamente, nesta parte do texto, perscrutar e dar pinceladas sobre seus estudos e pesquisas no âmbito das Sensibilidades, temática muito pertinente aos atuais estudos da História Cultural, e tão cara a esta historiadora da cultura. Para tanto, percorremos a trajetória intelectual da historiadora, exemplificando com informações recolhidas em documentos que fazem parte do Acervo SJP, bem como na análise de seu *currículo Lattes*.

Não é tarefa fácil precisar um marco inicial ou fixar em datas o momento em que as sensibilidades passam a ser um interesse da historiadora, posto que isto tem a ver com posições sensíveis e conscientes que atravessam a vida profissional e intelectual de Pesavento

(SANTOS, 2015). Mas certamente é quando ela assume o lugar de historiadora da Cultura, nos vinte últimos anos de sua vida acadêmica, trabalhando com temas ligados à história do urbano, relação entre história e literatura, a relação história/imagem, o mundo dos excluídos, dentre outros, que a história das sensibilidades vai sendo traçada em sua obra, culminando em uma vertente que traduz o fôlego e um dos principais interesses de pesquisa da “última” Sandra Pesavento.

Se já na década de 90 Pesavento, ao tratar de temas vinculados à História Cultural, deixa entrever nuances das sensibilidades em suas formas de tematizar, pensar e produzir a história, é entre o final do século XX e o início do século XXI que sua produção intelectual vai se concentrar nesta temática, ou seja, é quando as Sensibilidades tomam posição de relevo em sua obra. É mais precisamente entre os anos de 2000 a 2009, conforme se pode ver em seu *currículo Lattes*, que a História das Sensibilidades assume um lugar de centralidade em sua produção historiográfica, no desenvolvimento de seus “últimos” projetos de pesquisa, na publicação de livros e capítulos de livros, artigos publicados em periódicos, participação e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos, orientações e supervisões de pesquisas em mestrado e doutorado, organização de eventos, participação em bancas, em reuniões de grupo de pesquisa, além de outras produções bibliográficas e técnicas.

A questão das Sensibilidades situa-se em suas produções sob duas vertentes: no entrelace com outros temas da História Cultural, a exemplo do imaginário, imaginário urbano, cidades, imagem, memória, exclusão, violência, identidade nacional, a relação história e literatura etc.; e em trabalhos nos quais as Sensibilidades são tematizadas mais especificamente como lastro teórico ou como método para o historiador. Isto pode ser percebido tanto em seu *currículo Lattes* quanto nos diversos documentos abrigados no Acervo SJP, sobretudo no material arquivado na caixa 33 A (Sensibilidades e outros temas, conforme explicitado na seção anterior), elencada acima, nosso interesse de pesquisa no atual momento.

Pode-se assim dizer, que a História Cultural e a História das Sensibilidades, em sua diversidade de temas e fontes, com seus diferentes modos de acessar, interpretar e produzir a história, aproxima Sandra da interdisciplinaridade, uma pesquisadora que se articulava e agregava pessoas de várias áreas entre alunos de pós-graduação, companheiros de projetos de pesquisa, eventos e publicações, estabelecendo diálogos profícuos, por exemplo, entre as Sensibilidades e as diversas áreas do saber, e isto é visível e notório em sua obra: arquitetura e urbano, literatura, psicologia, psiquiatria, comunicação, antropologia, direito, artes, entre outras (SANTOS, 2015).

O Acervo SJP, mais especificamente a caixa 33A, constitui-se em um rico material para entender “desde dentro” como Sandra Pesavento vai tecendo seu pensamento e produção no Campo das Sensibilidades, estabelecendo diferentes diálogos com áreas do saber, com instituições e pesquisadores, pois ali constam cópias de *e-mails* emitidos e recebidos; diversos manuscritos, a exemplo de uma gama de fichamentos de leitura produzidos por ela. Revela uma pesquisadora que busca formar seu pensamento historiográfico de modo interdisciplinar, através de um dedicado trabalho de leitura, interpretação, síntese e correlação das ideias de autores de distintos campos do conhecimento, a exemplo de Walter Benjamin, Roland Barthes, Roger Chartier, Paul Ricoeur, Frédéric Laupies, Carl Gustav Jung, só para citar alguns. Além disso, a caixa 33A do Acervo SJP abriga textos produzidos para serem apresentados em eventos e que, posteriormente, foram ampliados e publicados em periódicos e capítulos de livros.

Os diversos manuscritos e escritos que compõem a caixa 33A são reveladores do percurso que Sandra Pesavento trilhou para pensar as Sensibilidades como campo da História Cultural, como objeto e também como método. Certamente foi este estudo detalhado, aprofundando e interdisciplinar, este diálogo profícuo com autores de grande relevo intelectual, os diferentes trânsitos e interlocuções acadêmicas, seus investimentos intelectuais, sua articulação com rede de pesquisadores no Brasil e na França, por exemplo, que permitem a historiadora pensar esses diferentes contornos das Sensibilidades no campo da pesquisa em História.

Pensar as Sensibilidades como campo da História, a partir das reflexões de Pesavento (2005), é assumir que os homens, em diferentes tempos e espaços, representam e atribuem sentidos ao mundo, nas formas de sentir, pensar, perceber e expressar a realidade. É entender que a História não se move fora da experiência, das subjetividades, da imaginação, das emoções, das ideias, dos desejos, dos temores, posto que a relação dos homens com o mundo está para além do conhecimento científico, dos “frios da razão”. É reconhecer em todas as épocas a permanência dos sentimentos, do sensível, daquilo que não é apreendido unicamente pelo racional.

As sensibilidades são traduções da experiência expressas em ritos, atos, palavras e imagens, objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. A autora entende as sensibilidades como uma forma de ser e estar no mundo, um processo subjetivo, que brota do íntimo de cada indivíduo, uma experiência única, mas que não é, a rigor, intrasferível, elas podem ser também compartilhadas, uma vez que são sempre sociais e históricas (PESAVENTO, 2005, p. 128).

Esta compreensão abre um leque de fenômenos e de objetos de estudos antes desconsiderados pela história. Desse modo, a partir da formulação de questões e objetivos de pesquisa, da definição de fontes, o historiador pode adentrar o passado e interpretar as sensibilidades enquanto conteúdo, formas e símbolos, em um determinado contexto temático e temporal. Pode-se exemplificar esta questão a partir de temas trabalhados pela própria Sandra Pesavento, e, dentre tantos, citamos apenas dois: a relação entre nação, identidade nacional e sensibilidades no Brasil do Oitocentos (PESAVENTO, 2009); crimes, violências e sensibilidades urbanas no sul brasileiro do final do século XIX (PESAVENTO, 2004).

Sandra Pesavento (2005; 2007) aborda as Sensibilidades não apenas como campo da história ou um conceito, mas também como um método de investigação da História, especialmente da História Cultural. É um método que permite ao historiador compor uma narrativa do passado quando se dedica a ler as formas de ver, sentir e perceber dos homens de uma outra época, ou seja, as sensibilidades de um outro no tempo:

Toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, precisando ser objetivada em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva (PESAVENTO, 2005, p. 132).

É através das Sensibilidades como campo, objeto e método que o historiador pode capturar a vida no tempo; trabalhar com experiências individuais e coletivas; reconstruir formas de conhecimento do mundo; conhecer o modo como os homens pensam, sentem e se colocam diante do mundo em um contexto cultural e temporal específico; como apreendem o mundo em que vivem etc.

Estes exemplos enunciam, portanto, que o acervo abriga documentos/fontes de extrema relevância para pesquisadores que se interessem em compreender os percursos e os processos de formação do pensamento da historiadora, a partir de um olhar “de bastidores”. Trata-se de lançar mão de diversas formas de escritas de si e um conjunto de documentos produzidos e pertencentes a Pesavento, que tratam de sua trajetória profissional, intelectual, social e cultural, permitindo ao historiador e demais pesquisadores apreender aspectos micro e macro do social, subjetividades e sensibilidades (VIDAL, 2007), contribuindo para o entendimento mais sutil de fenômenos sociológicos e históricos, de ideários políticos, projetos pessoais e processos sociais ali investidos (HEYMANN, 2005).

Pesquisar o acervo pessoal e intelectual Sandra Jatahy Pesavento é, portanto, um caminho para pensar possibilidades e desafios teóricos e metodológicos da História Cultural e das Sensibilidades, colocando em cena novas questões, temas, objetos de pesquisa e fontes, nesta roda dinâmica que é a história e o trabalho do historiador, do pesquisador. É seguir rastros da história cultural e das sensibilidades... para trilhar novos caminhos no pensar, fazer e produzir História na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A HISTÓRIA CULTURAL E AS SENSIBILIDADES EM HORIZONTE

Gostaríamos de terminar este texto, apontando para o futuro: futuro da pesquisa em História Cultural e futuro do acervo pessoal intelectual de Sandra Jatahy Pesavento. Obviamente que um não depende estritamente do outro, mas, em nosso meio e para os pesquisadores brasileiros, eles podem ser complementares e dialogar de forma profícua. É no trabalho desta pesquisadora, cujos frutos, para além de sua obra publicada, estão ricamente depositados e documentados neste acervo, onde vemos nascer um pensamento e se desenvolver de forma sistemática este campo no Brasil.

Em termos de arquivo pessoal, temos, ainda, muitos desafios e estamos constantemente atentos à sua dinamicidade, enquanto um jovem acervo em construção. Por exemplo, em relação à sua produção e à sua transmissão, o falecimento prematuro da pesquisadora, que estava absolutamente na ativa e produzia muito intelectualmente e em termos de pesquisa, faz com que tenhamos muito cuidado em manter a coerência do conteúdo que ela produzia e de como ela o produzia. O tempo de luto da família, que, obviamente no início relutou em se desfazer de alguns papéis, objetos e livros, dada a carga emocional que representava “esvaziar” o escritório pessoal residencial para enviar tudo para um arquivo, foi também um fator muito cuidado por nós, em sua transmissão. Outra forma de referendar a afirmação de que se trata de um acervo dinâmico se dá pelas doações que até hoje recebemos da família, de colegas, alunos e amigos, principalmente documentos de pesquisa e fotos.

Alguns desafios são mais estruturais, como o espaço físico diminuto e a necessidade de financiamentos para que possamos catalogar a biblioteca, melhorar a organização e fazer uma indexação/catalogação exaustiva dos documentos – por exemplo, não temos as quantidades totais de itens do acervo -, e reestruturar sua alocação no espaço físico cedido pelo IHGRGS. A diminuição ou a falta de editais para Cultura e acervos no Estado e na capital gaúcha emperram algumas de nossas ações e contamos, assim, com os valiosos trabalhos voluntários de alguns profissionais pesquisadores (historiadores) e estudantes de

diversos níveis do ensino (graduandos de História em Iniciação Científica, bacharelados em História em estágios curriculares e doutorandos em estágios ‘sanduíches’), que, além de suas pesquisas, auxiliam a equipe curatorial a desenvolver seu trabalho, por exemplo, pensando e descrevendo alguns conteúdos de seus interesses.¹⁰

A potencialidade do acervo é uma outra questão a ser pensada e que deve orientar para sua interpretação e para sua divulgação, no hoje e no amanhã: como já dissemos, os escritos da professora assim como as transcrições de fontes, desde sua ‘fase marxista’ e da Revolução Farroupilha, até suas últimas reflexões sobre urbano, sensibilidades, paisagens e imagens, estão amplamente representados na composição deste arquivo pessoal e remetem a muitas possíveis pesquisas, não somente no campo da História Cultural, mas em outros, também, como da História do Rio Grande do Sul, um viés econômico, etc, abrindo um leque de possibilidades que permitem entrever o caráter de vitalidade que configura a História e sua produção epistemológica.

Tem-se, assim, um campo aberto à transversalidade e à interdisciplinaridade, ao mesmo tempo que um instrumento teórico heurístico para conhecer e problematizar diferentes questões que se entrelaçam e configuram a realidade histórica. Isso revela um constante e vertiginoso movimento da produção investigativa, também congruente com a perspectiva da História Cultural e das Sensibilidades.

Como trabalhamos e pesquisamos dentro do campo da História das Sensibilidades, não podemos nos furtar de fazer mais uma última observação: sobre as marcas afetivas existentes

¹⁰ Em abril de 2015, sendo nomeada oficialmente a curadora do acervo, a historiadora Dra. Nádia Maria Weber Santos, assumiu suas funções, constituindo uma equipe curatorial com mais duas historiadoras (duas mestres em História pela UFRGS e que foram orientandas de Sandra Pesavento), uma Mestre em Memória Social e Bens Culturais e quatro bolsistas de Iniciação científica. Iniciou-se, assim, o trabalho de avaliação do acervo e sua organização, dentro das limitações institucionais existentes, como a falta de verbas para contratar bibliotecário e arquivista formados para organizar o acervo dentro dos padrões destas duas áreas. Num primeiro momento, que durou um ano, fez-se a triagem de todo material, a fim de escolher a forma como ele seria armazenado – no cruzamento com o espaço disponível - e organizado (catalogado). Logo após, optando por sua guarda/acondicionamento em caixas e pastas suspensas, iniciou-se a separação por temas da pesquisadora, sempre optando por manter uma certa ordem já existente pela produtora do arquivo. As caixas de papelão começaram a ser preenchidas e os volumes menores constituíram as pastas suspensas. É um trabalho bastante minucioso e que requer, também, um conhecimento prévio da obra da autora, o que foi beneficiado pela curadora ter sido companheira de trabalho da mesma. Em agosto deste ano, 2017, terminamos a organização preliminar das caixas, pastas e gavetas e conseguimos abrir ao público de pesquisadores, após a III Jornada Sandra Jatáhy Pesavento, em junho. Atualmente a equipe curatorial é formada por: Me. Anelda de Oliveira, Est. Lic. Francielle Garcia, Me. Luciana Gransotto, Dra. Nádia Maria Weber Santos (curadora), Me. Sinara Sandri. O acervo está aberto para consultas 3^{as} e 5^{as} feiras das 14 às 18h, na sede do IHGRGS, e estas são realizadas sob agendamento prévio pelo e-mail acervosjp@gmail.com. Contamos com dois estagiários, neste semestre de 2017-2: um doutorando fazendo estágio doutoral no acervo (coautor deste artigo, Maximiano Martins de Meireles) e um bacharelado em História da UFRGS (André Lucas Porto Guimarães), fazendo o estágio curricular em Pesquisa Histórica e preparando seu TCC com o material do acervo, também no viés da História das Sensibilidades. Para o próximo ano, 2018, já temos uma série de atividades programadas, que incluem exposições, jornadas e publicações.

no acervo. Existem arquivadas nesta reunião de documentos pessoais intelectuais de Sandra Jatáhy Pesavento aquelas marcas de sensibilidades sobre as quais ela mesma teorizava em seus textos: correspondências digitais (e-mails) ativas e passivas com colegas, expressando sentimentos em relação a eventos, publicações, viagens; cartões de amigos e alunos estimando suas melhoras na época de sua última internação hospitalar em 2008 (que vieram junto com um material de pesquisa); e – absolutamente tocante - suas últimas anotações – verdadeiramente manuscritas, com sua letra miúda e trêmula – referentes às palestras assistidas no IV Simpósio Nacional de História Cultural, em outubro de 2008, em Goiânia, coincidentemente com temática sobre Sensibilidades e Sociabilidades [último em que ela participou] e – *last but not least* – a última frase que escreveu em casa, material este identificado pela funcionária que trabalhava na casa dela há mais de quinze anos. São estas marcas sensíveis de uma intelectual de grande relevância em nosso meio acadêmico que também desvelam a importância deste acervo para a continuidade dos estudos sobre sensibilidades dentro de acervos pessoais, exatamente porque revelam as marcas de historicidade que estes documentos perpetuam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.61-78.

HEYMANN, Luciana Quillet. **De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional": reflexões acerca da produção de " legados"**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

HEYMANN, Luciana Quillet. **O Lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2012.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, S. J. **Imaginário da cidade: representações do urbano (Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre)**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1999.

PESAVENTO, S. J. **Os Sete Pecados da Capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PESAVENTO, S. J. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, S. J. **Visões do Cárcere**. Porto Alegre: Zouk, 2009.

PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, S. J.; SANTOS, N. M. W.; ROSSINI, M. (Orgs). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Histórias de vidas ausentes: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental**. Passo Fundo, Editora da UPF, 2005. 1 ed. 191p. 2ed revista e ampliada - São Paulo: Edições Verona, 2013.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Histórias de sensibilidades e narrativas da Loucura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 2008. 320p.

SANTOS, N. M. W. A sensibilidade na vida e obra da historiadora Sandra Pesavento - a questão da interdisciplinaridade, postura crítica e a História Cultural. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais** (UFU. Online), v. 6, p. 1-21, 2009. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF20/ARTIGO_1_DOSSIE_Nadia_Maria_Weber_dos_Santos_FENIX_JUL_AGO_SET_2009.pdf Acessado em 22/10/2017. Acessado em 09/11/2017.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Quando as sensibilidades tomam posição... A obra de Sandra Jatahy Pesavento e sua importância para a historiografia brasileira. In: LEENHARDT, J. (et al.) **História Cultural da cidade: homenagem à Sandra Jatahy Pesavento**. Porto Alegre: Marca/Visual, PROPUR, 2015. p. 271-296.

SANTOS, N. M. W. **Constituição e organização do acervo Sandra Jatahy Pesavento no IHGRGS**. Anais do III Seminário Internacional de História do Tempo Presente. UDESC, outubro, 2017. Florianópolis. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/viewFile/585/472> Acessado em: 09/11/2017.

TRAVANCAS, I., ROUCHOU, J. HEYMANN, L. (ORGS). **Arquivos Pessoais – reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva – alguns elementos para a reflexão. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.